

ANÁLISE DA TEOLOGIA DOS DIREITOS HUMANOS DA IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA DE SÃO PAULO

ANALYSIS OF THE HUMAN RIGHTS THEOLOGY OF THE CHURCH OF THE METROPOLITAN COMMUNITY OF SÃO PAULO

Evanway Sellberg SOARES

<evanways@yahoo.com.br>

Doutorando em Ciências Sociais,
pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP), Marília, São Paulo, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/3389513956724708>
<https://orcid.org/0000-0001-8969-9177>

RESUMO

Tradicionalmente, a teologia cristã evangélica se apresenta como restritiva quanto às identidades sexuais, se baseando em um molde heterocisnormativo¹ das relações. Contudo, igrejas cristãs inclusivas se apresentam com uma releitura teológica influenciada pelos movimentos de luta por direitos civis LGBTQIA+². Esse trabalho tem por objetivo analisar a abordagem teológica de uma delas, a Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo (ICM-SP). Para isso foi realizada observação participante, com a transcrição da fala de membros da denominação, às quais foram analisadas a partir do arcabouço da Teoria Crítica, mais especificamente, a gramática moral habermasiana e a teoria da Luta por Reconhecimento Social de Honneth. Primeiramente se situará a denominação dentro da problemática de gênero e sexualidade na religião cristã, posteriormente será realizada a análise da teologia da denominação através dos discursos de seus membros, e então uma análise comparativa entre sua teologia e o histórico dos movimentos por direitos a partir dos anos 70. Como resultado foi possível reconstruir as bases teológicas da denominação influenciada pelos movimentos de lutas por direitos e encontrar nelas a base fundamental dos direitos humanos: a valorização do indivíduo.

PALAVRAS-CHAVE: Direitos Humanos; Igreja Inclusiva; LGBTQIA+.

ABSTRACT

Traditionally, evangelical Christian theology presents itself as restrictive regarding sexual orientations, based on a heterocisnormative mold of relationships. However, inclusive Christian churches present themselves with a theological retelling influenced by LGBTQIA+ civil rights struggles. This work aims to analyze the theological approach of one of them, the Church of the Metropolitan Community of São Paulo (ICM-SP). For this, participant observation was performed, with the transcription of the speech of members of the denomination, who were analyzed from the framework of Critical Theory, more specifically, the Habermasian

¹ Ao se falar de heterocisnormatividade, se apresenta que a norma existente na sociedade leva à compulsão da heterossexualidade para a vivência da sexualidade, assim como da identidade cis, ou seja, da compatibilidade entre identidade de gênero e sexo biológico de nascimento; discriminando contra aqueles que não se adéquam a esse padrão (JESUS, 2012; SIMAKAWA, 2015).

² A sigla se refere aos termos Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros, Queers, Intersexuais, Assexuais, sendo o “+” referente à todas as outras formas de manifestação de identidade de gênero e orientações sexuais não contempladas pela sigla, acenando assim para o entendimento de que são questões fluídas, mutáveis, plurais e complexas, não sendo possível a condensação de todas as variações em uma única sigla.



moral grammar and the theory of Honneth's Struggle for Social Recognition. First, the denomination will be situated within the problem of gender and sexuality in the Christian religion, later the analysis of the theology of the denomination will be conducted through the discourses of its members, and then a comparative analysis between its theology and the history of rights movements from the 1970s onwards. As a result, it was possible to reconstruct the theological bases of the denomination influenced by the movements of struggles for rights and to find in them the fundamental basis of human rights: the valorization of the individual.

KEYWORDS: Human Rights; Inclusive Church; LGBTQIA+.

1. INTRODUÇÃO: A PROBLEMÁTICA DO DISCURSO DA ICM-SP.

A comunidade LGBTQIA+ vivencia uma situação de tensão: casais LGBTQIA+ desafiam a exclusividade das relações heterossexuais, da procriação tradicional e os papéis do masculino e do feminino nessas relações, em uma sociedade em que predominam tais valores. E que, quando confrontada a sexualidades desviantes, desenvolve um pânico moral (MISKOLCI, 2007), explicitado por ataques abertos ou tentativas de cura, que funcionam como estratégias de controle social da homossexualidade (NATIVIDADE, 2009).

Nesse contexto de tensões e conflitos surgem igrejas³ que procuram uma atitude de afirmação de sexualidades não heterossexuais e de aproximação com o cristianismo: as chamadas igrejas inclusivas ou igrejas gays que desafiam os critérios de validade da norma sobre o corpo⁴.

Tais igrejas possuem uma postura ímpar em relação à sexualidade quando comparadas às demais igrejas cristãs, principalmente evangélicas, “destacando[-se] no campo religioso mais

³ O termo igreja é aqui utilizado de forma ampla, mais próximo do conceito de Durkheim de “um sistema unificado de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, coisas separadas e proibidas – crenças e práticas que unem as pessoas em uma comunidade moral e singular chamada igreja, todos aqueles que aderem a ela” (DURKHEIM, 2008). Esse termo amplo foi selecionado visto a pluralidade de relatos apresentados nesse artigo, com o termo tendo múltiplos significados, como “instituição”, “corpo de crentes”, “denominação” etc. E uma vez que o foco do artigo não é a definição desse termo que pode ser colocado em disputa, se utiliza o termo dessa maneira ampla. A delimitação desse termo enfraqueceria o artigo, dada a pluralidade semântica encontrada nos discursos e, a sua não delimitação, não enfraquece as análises feitas, uma vez que o escopo do artigo não busca visar essa questão e, nas vezes que se faz necessário, a definição semântica é explicada para a situação específica.

⁴ As primeiras igrejas inclusivas datam dos anos 1960 nos Estados Unidos da América, com a fundação da ICM datando de 1968 em Los Angeles. No caso do Brasil, as igrejas inclusivas datam de 1990, sendo a ICM chega ao país apenas nos anos 2000, foi inaugurado seu primeiro templo ainda como missão no Rio Janeiro, e, posteriormente, em São Paulo.



amplo pela criação de cultos nos quais homossexuais podem tornar-se pastores, reverendos, diáconos, presbíteros, obreiros, ocupando, assim, cargos eclesiais” (NATIVIDADE, 2010, p. 90).

Por isso, essas igrejas inclusivas podem ser “definidas por compatibilizarem sexualidades não heterossexuais e religiosidades cristãs, majoritariamente evangélicas” (JESUS, 2010, pg. 132). Nesse sentido, ao se falar de igrejas inclusivas, fala-se a respeito de grupos religiosos que buscam diminuir a discriminação existente contra minorias sexuais no meio evangélico.

Essa postura se assemelha ao projeto habermasiano de inclusão⁵ (HABERMAS, 2002; 1984), quer dizer, o reconhecimento das relações sociais entre diferentes, assegurando assim que os indivíduos lutem por seus modos de vida, ou como “universalização dos direitos fundamentais, que são imprescindíveis à participação no discurso público e nas deliberações, por meio do que os diferentes grupos étnicos podem expressar sua identidade e conquistar o reconhecimento uns dos outros” (POKER, 2014). São esses movimentos o movimento negro, o movimento LGBTQIA+, o movimento feminista etc.

Entre as igrejas consideradas inclusivas, existe uma que mantém posição ainda mais particular: a Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) que possui postura díspar em relação às práticas sexuais, sendo, por isso, vista como transgressora tanto por igrejas cristãs conservadoras, que veem na homossexualidade uma postura pecaminosa, quanto por igrejas inclusivas, as quais não concordam com as práticas sexuais permitidas pela doutrina da ICM. E é nesse contexto que a ICM-SP busca sua luta por reconhecimento, não somente no meio religioso, mas na sociedade mais ampla.

Meu primeiro contato com a ICM-SP, narrado posteriormente, é significativo, pois ilustra de maneira clara a denominação. Seus discursos e ações apresentam forte caráter militante, a ideia de defesa da igualdade e luta pelos direitos humanos como questões centrais.

⁵ Para uma discussão mais aprofundada sobre esse projeto de inclusão é possível ler duas outras obras que escrevi, sendo: SOARES, Evanway Sellberg. AÇÃO COMUNICATIVA NA IGREJA DA COMUNIDADE METROPOLITANA In *Religião e transformação de valor na sexualidade: ICM—uma igreja militante*. Marília: UNESP, p. 124-146 2019. SOARES, Evanway Sellberg. *The Critical Theory Perspectives for Contemporary Analysis*. Philosophy International Journal: Medwin Publishers. Vol. 3. N. 1, 2020.



As vivências pessoais de luta e as pregações e discursos se misturam, criando um ambiente de desconstrução pessoal, luta social e prática religiosa. O que se ressalta aqui, e ficará evidente nas análises a seguir, é o fato de a ICM-SP, apesar de ser uma denominação que possui enfoque na defesa da causa LGBTQIA+, é uma igreja que busca a defesa dos direitos humanos nas suas mais variadas formas, tentando aplicar a ideia de inclusão em um sentido mais amplo.

Ou seja, coerentemente com esse primeiro encontro quando pude ver a defesa de uma pauta fora do universo LGBTQIA+, feita por uma mulher branca hétero e cis, apoiada pelas mulheres que faziam parte do universo LGBTQIA+, focando na igualdade de direitos. A ICM-SP defende pautas dos direitos humanos, sendo o universo LGBTQIA+ uma dessas pautas. A construção desses discursos é algo importante, pois fundamenta as ações dos adeptos, criando e fornecendo recursos simbólicos.

Para realização desse estudo⁶ foi efetuada observação participante na ICM nos anos de 2017 e 2018⁷, nos quais foram realizadas transcrições das falas de frequentadores da denominação, citadas no decorrer do texto. Meu primeiro contato oficial com a ICM se deu pelo Facebook, com troca de mensagens, me apresentando como pesquisador e qual o intuito de minha ida na denominação. Nesse primeiro momento foi obtida resposta de Messias, um membro da denominação que no momento se encontrava em São Paulo, mas que até metade do ano de 2017 voltaria para a sua cidade natal no Nordeste.

A igreja, localizada no Bairro de Santa Cecília no Centro da cidade de São Paulo, ocupava um prédio comercial alugado pela denominação. Para entrar, se subia uma escada e se chegava ao

⁶ Esse artigo é fruto de pesquisa realizada no mestrado concluído na Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP, com o título de “Religião e transformação de valor na sexualidade: ICM – uma igreja militante”.

⁷ A Igreja da Comunidade Metropolitana (ICM) é uma Igreja Inclusiva fundada em Los Angeles, EUA, em 1968. A denominação se expandiu pelo mundo, formando a Fraternidade Universal das Igrejas da Comunidade Metropolitana (Fuicm), em 2019 possuía mais de 300 igrejas em 22 países com por volta de 60.000 membros. Entre 2017 e 2019 foi realizada pesquisa de campo junto à unidade em São Paulo (ICM-SP), assim como pesquisa documental nos sites da FUICM e unidades brasileiras, assim como reportagens de jornais sobre a denominação e seus membros. Os dados foram analisados através do programa Maxqda de forma quantitativa e qualitativa. Através de falas significativas, nesse texto, se apresentam as conclusões sobre os dados obtidos.



salão onde ocorrem os cultos. Além do salão, o prédio possuía uma pequena cozinha, um corredor onde existiam algumas salas e um banheiro.

O rito e os ornamentos misturavam catolicismo e protestantismo, as músicas eram tocadas por vezes em playback, por vezes com violão, por vezes no teclado. Existia um Datashow que projetava imagens, letras de músicas, textos bíblicos etc. durante as pregações. A estrutura do culto se iniciava, normalmente, com uma ou duas músicas, realização de oração, e outra música. Era realizada a leitura de uma passagem bíblica por um membro da denominação e se tocariam mais músicas. Após essa introdução ler-se-ia outra passagem e se iniciaria a pregação.

As passagens lidas eram conectadas, sempre com a temática da pregação. Após a pregação se fazia uma oração, se lia a confissão de fé e realizariam as ofertas. As ofertas na ICM-SP são vistas como um meio de manter a igreja funcionando, pagando as contas. Não se trata de um ato profundamente espiritual, mas de uma atitude material para se manter o local de celebração. Ou seja, a oferta é apresentada como um ato da comunidade para a comunidade e não para Deus.

Após isso seria realizada a santa ceia, momento no qual todos são chamados a comer a hóstia e beber o vinho. Não existem restrições para esse ato na ICM-SP. Seriam faladas as intenções de oração, se realizaria a oração final, os recados finais, e se encerraria o culto.

Messias me recebeu no meu primeiro culto da ICM, no dia doze de março de 2017. Na ICM-SP sempre existe uma pessoa no final das escadas, para receber os membros e visitantes. Havia cinquenta e nove membros naquela ocasião. Tocava uma música de adoração com playback.

Já de início me chamou atenção que a mensagem era retirada de uma música da cantora baiana Pitty, e quando finalizada a leitura da letra da música a oradora disse “palavra do senhor” ao que a igreja respondeu em coro “graças a Deus”.

Era um culto de celebração do Dia Internacional da Mulher. Sentadas à frente da igreja, atrás do púlpito havia mulheres: mulheres cis brancas e negras, mulheres transexuais, lésbicas, uma travesti e uma crossdresser⁸. Foi uma mulher branca hétero cis que ministrou a palavra naquela

⁸ O termo transexual é um termo ainda sem consenso no qual, o sentido mais geralmente aceito, é de que é uma identidade na qual a pessoa não se reconhece no corpo biológico no qual nasceu, de modo que não está adequado à forma como pensam e sentem, buscando corrigir isso com uma adequação do corpo ao estado psíquico. Já as travestis,



noite. O que me causou estranheza, pois imaginava eu que em uma igreja inclusiva buscariam valorizar minorias o máximo possível.

A pregadora da noite é uma professora que deu sua mensagem se utilizando das mulheres na Bíblia e seu papel de protagonista nas histórias. A mensagem tinha forte cunho feminista, problematizando a sociedade como machista e patriarcal. Contraposto à essa sociedade se apresentou o Reino de Deus, como um local de igualdade, se encorajando a fazer esse reino na terra, agora, devendo ser um reino tomado à força pelas mulheres. Desconstrução foi um termo corrente, assim como os papéis sociais e a defesa de todos como seres humanos.

A mensagem misturava as vivências pessoais com passagens bíblicas, levantando críticas contra não somente a sociedade, mas também à religião, incluindo o cristianismo e a própria ICM-SP, que não possuía aquela representatividade feminina sempre. A diversidade era constantemente encorajada, em forma de igualdade. Como exemplo dessa igualdade, foi inclusive citada a comunidade surda na ICM-SP. A denominação possui tradutores de LIBRAS que se revezam para traduzir o culto inteiro. A comunidade é incluída na vida da denominação, realizando orações nos momentos de culto, ensinando a Língua Brasileira de Sinais aos demais membros em todos os finais de culto. Ao final a benção foi dada pelas mulheres aos homens.

2. CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE INCLUSÃO RADICAL

Essa ideia de inclusão é balizada dentro de uma mudança teológica radical, com a ressignificação de preceitos fundamentais, além da inclusão da ideia de direitos humanos, ou direitos fundamentais, como base do sistema de crença.

são vistas como pessoas que possuem vivência de papéis de gênero femininos, mas não se reconhecem dentro da binaridade de gênero, sendo de um terceiro gênero ou não-gênero. Os crossdressers são homens, normalmente casados, mas não exclusivamente, que não buscam reconhecimento de gênero, mas sentem prazer em se vestirem como mulheres. As lésbicas se encontram dentro do termo descrito como homossexual, sendo pessoas que se atraem afetiva-sexualmente por gêneros semelhantes aos quais elas se identificam. (JESUS, 2012)



Na denominação, podemos entender que a ideia de pecado é modificada, e isso é fundamental, não só na visão teológica da denominação, mas na construção da valorização das identidades LGBTQIA+, importante para luta por direitos de igualdade.

A denominação apresenta um discurso baseado na ideia de inclusão e comunidade, esse discurso aponta os pecados como coisas que promovam morte e opressão e a vida como libertação e aceitação. Como representado no discurso da pastora Alexya⁹:

E a liturgia de hoje, irmãos e irmãs, vai vir falar de um Deus que não consegue compactuar com projetos de morte, com projetos de exclusão, um Deus que não... consegue entender esses sistemas que oprimem (ALEXYA, 2018, pregação, 28/01/2018)

E esse discurso emerge da visão de uma religiosidade tradicional que oprime, o que é apresentado como ruim; assim como uma sociedade que oprime. Nesse sentido, a opressão, e mesmo o dogma, é visto como algo a ser evitado, algo errado. Sendo relegado tanto à sociedade mais ampla quanto às instituições religiosas tradicionais o papel de opressor. Já o discurso da denominação é colocado em contraposição, buscando aceitação.

Podemos entender então, que a opressão é apontada como o problema do sistema, não somente um sistema religioso tradicional, mas também um sistema social que também exclui. E ao mudar o foco do pecado, retirando o pecado da identidade LGBTQIA+ e o realocando na opressão, começa a se construir um pensamento que permite a valorização dos membros como pessoas. Como apresentado no relato de outro membro:

Igreja da Comunidade Metropolitana. “Ahn?” Igreja inclusiva. “O que é isso?” É uma igreja que aceita todas as pessoas sem fazê acepção. “Ah já sei, é lugar de viado, né?” Aí, eu que não presto, digo: Não é só de viado não: é de viado, é de travesti, é de sapatão... é de trans. É lugar de gente. (MÁRCIO, 2018, PREGAÇÃO, 18/02/2018)

Essa visão desemboca em uma luta radical por direitos, pois não é uma luta por identidades, no sentido de se lutar por uma identidade específica como LGBTQIA+ cristão, mas uma luta por direitos.

⁹ Primeira Pastora Trans ordenada na América Latina e líder da ICM-SP. Alexya possui presença ativa nos debates públicos sobre questões LGBT, tendo sido candidata à Deputada Estadual pela cidade de São Paulo nas eleições de 2020.



Esses direitos são os direitos humanos, o direito de cada um poder viver a vida, ou como diria Honneth (2003; 2015; 2018), o direito de se poder viver a sua forma de vida¹⁰. Essa busca da ampliação de direitos, com a visão de direitos humanos como subsídio e base para tal, é encontrada na denominação e é substrato da visão de igualdade radical apresentada pelos seus membros.

Contudo, por ser uma instituição religiosa, a denominação também possui uma justificativa mística-teológica para a igualdade. Portanto, não somente se entende a igualdade como uma norma ético-jurídica baseada nos direitos humanos, mas como um fundamento moral-religioso.

Isso se dá pela visão de que a comunidade, enquanto corpo, é uma manifestação de Deus, de modo que a própria diversidade existente na comunidade é uma característica da divindade. Como apresentado pelo reverendo Cristiano:

Nós vemos, ali, a afirmação da dignidade de toda e qualquer pessoa como povo de Deus, como filho e filha de Deus. E, aí, nós vamos retomar a ideia de que nós somos imagem e semelhança de Deus. E como imagem e semelhança de Deus, toda diversidade humana representa essa imagem no mundo; cada um e cada uma de nós, por mais diferentes que somos, somos manifestação da presença de Deus, somos imagem e semelhança desse Deus. (CRISTIANO, 2018, PREGAÇÃO, 25/03/2018)

Essa defesa da pluralidade através da comunidade é vista claramente na fala de Márcio, pois segundo ele:

Jesus, não me obriga a crer como minha irmã Ivana; não me obriga a crer como meu irmão Getúlio; não me obriga a crer como o meu irmão Cristiano – porque temos histórias de vidas diferentes, caminhadas diferentes. (MÁRCIO, 2018, PREGAÇÃO, 01/04/2018)

Ou seja, até mesmo com relação às regras e às formas de crer a pluralidade é defendida, de modo que o que será pregado na ICM é:

Um conhecimento livre, sem regras, sem dogmas; e que todos possam, aqui, ou no Brasil, ou no mundo, através do propósito da ICM, entender que temos

¹⁰ Para uma discussão mais aprofundada sobre o processo de ampliação de direitos é possível ler dois outros textos que escrevi, sendo: SOARES, Evanway Sellberg. A ICM E A LUTA POR RECONHECIMENTO In Religião e transformação de valor na sexualidade: ICM—uma igreja militante. Marília: UNESP, p. 96-124 2019. SOARES, Evanway Sellberg. The Critical Theory Perspectives for Contemporary Analysis. Philosophy International Journal: Medwin Publishers. Vol. 3. N. 1, 2020.



dificuldades, sim, mas através do conhecimento de Deus e das várias coisas que ele deseja que nós aprendamos, possamos conhecer; possamos, mesmo tendo dívidas, não agir de forma incoerente. De forma vazia. (FÁBIO, 2017, PREGAÇÃO, 17/09/2017)

O que permite, inclusive, questionamentos dentro do próprio sistema da ICM, como relatado certa vez por Ana Ester sobre a necessidade de utilização do lecionário¹¹ nas pregações.

E o lecionário – uma vez eu questionei o lecionário, né, que, aí, essas mensagens fixadas que a gente tem: o ano A, o ano B e o ano C. E a gente tem um texto do antigo testamento, um salmo, um texto das; das cartas e um; um texto do evangelho. E eu questionando: “gente por que a gente tem que ler esses textos engessados? A gente não tá livre pra fazer uma escolha do texto?” E aí o Sandro me respondeu assim: “Mas o texto tá livre pra nos escolher”. E eu falei: isso é muito bom: ter o lecionário. Porque o texto nos escolhe e fala à comunidade”. (ANA ESTER, 2017, PREGAÇÃO, 08/10/2017)

E é possível perceber que as próprias lideranças, aqui representadas nas figuras de Cristiano e Alexya, possuem consciência dessa visão não dogmática, de modo que valores são apresentados como reflexões dos próprios crentes, e não como imposições inquestionáveis da denominação.

A ICM não vai se propor a dizer pra você: “não faça sexo agora ou depois”. A ICM não vai dizer pra você que o aborto é pecado. A ICM vai convidar você a refletir. Mas a decisão é sua! (ALEXYA, 2018, pregação, 21/01/2018)

Quando alguém, às vezes, chega preocupado com alguma coisa e me diz: “reverendo, eu posso ou não posso ir em tão lugar?” Eu devolvo a pergunta: “Por que você tá preocupado com isso? Você acha que seria bom? Por que seria bom? Você acha que não é bom? Por que não é bom?” Entenda que você precisa decidir. E que essa responsabilidade é sua. E que eu vou orar e abençoar o que você decidir. (CRISTIANO, 2017, PREGAÇÃO, 05/11/2017)

De modo que as verdades apontadas pela ICM não são verdades estáticas, fixas, mas uma eterna construção e desconstrução de verdades e identidades. Então, o chamado à vida cristã, é um chamado de vivência contínua, o que permite que as verdades e identidades sejam modificadas de acordo com essa vivência

O convite do evangelho de hoje é pra que, eu e você, respondamos; respondemos essa pergunta que ele fez aos discípulos: “Quem é Jesus?” Mas que a gente possa

¹¹ Livro com um conjunto de leituras bíblicas que são utilizadas baseadas no calendário litúrgico cristão definido pela denominação.



responder essa pergunta sempre. E perceber que a resposta, sempre, será uma resposta preliminar. Não é definitiva. Não é definitiva. Não sejamos pretenciosos ao ponto de achar que somos donos de alguma verdade. (CRISTIANO, 2017, PREGAÇÃO, 27/08/2017)

nós assumimos de que nós não cremos, exatamente, nas mesmas coisas (dizem os nossos documentos). Nós não cremos, exatamente, nas mesmas coisas. Nós não temos dogmas de estimação. Nós não temos dogma de plástico daqueles que duram 500 anos pra se desfazer na natureza. Todos os nossos dogmas são biodegradáveis. (CRISTIANO, 2017, PREGAÇÃO, 24/09/2017)

Assim, o foco da denominação está na valorização do indivíduo pela comunidade, não através de dogmas e regras. Com isso, se ressalta que as formas de crença da ICM não são uníssonas e homogêneas, não é possível encontrar regras muito bem definidas de conduta, pois a pluralidade e a inclusão se traduzem na aceitação, inclusive, de visões teológicas e comportamentais diversas.

Entretanto, é possível elencar alguns pilares fundamentais no desenvolvimento do pensamento dos frequentadores da denominação, os quais poderíamos chamar de artigos de fé, ou bases do pensamento religioso, e esses são: Deus é comunidade, pecado é opressão e inclusão.

O compromisso com a comunidade, como sendo compromisso com Deus é parte integrante da teologia da ICM; e, portanto, com a comunidade sendo Deus, e a diversidade uma manifestação do próprio Deus, como uma de suas características, então, o que se tornaria pecado seria a opressão, pois dentro dessa lógica, a opressão é uma afronta contra o próprio Deus, uma vez que busca suprimir uma de suas características manifestas: a diversidade.

A luta da ICM contra opressão, não é somente uma luta religiosa, mas uma luta social. As igrejas tradicionais, ou a religiosidade tradicional são apontadas como grupos de opressão, mas são alocadas dentro de um sistema mais amplo de opressão, ao qual os membros da ICM são chamados a renunciar, e mesmo a se posicionar contra.

Como é que diz a profecia de Isaías: esse não é o jejum que eu quero, o jejum que eu quero é que vocês acabem com os sistemas de injustiça; que vocês desatem os laços de escravidão; que vocês vistam o faminto e dê pão a quem tem fome; enfim, o tempo que eu quero, o jejum que eu quero, é tempo de Metanoia, é tempo de conversão, é tempo de mudar de vida, é tempo de gritar ao mundo e subverter toda essa lógica sistêmica que acaba com a vida de vocês e com a vida de tantas pessoas. (MÁRCIO, 2018, PREGAÇÃO, 18/02/2018)



Essa luta é conclamada em nome da inclusão, pois para a ICM esse é um valor fundamental. A base do pensamento comunitário, da aceitação, da valorização do outro leva a uma exaltação das diferenças, da proteção das diferenças contra a opressão.

Nesse sentido, a inclusão é um ato religioso, que valoriza a diversidade enquanto característica de Deus, tanto quanto é um ato político, que defende a igualdade de todas as pessoas e valoriza a as identidades, sejam elas quais forem, em nome da justiça e da igualdade.

Assim, é possível reconstruir racionalmente o discurso teológico da ICM-SP e relacioná-lo com a construção do discurso militante LGBTQIA+, uma vez que a própria ICM se insere constantemente na luta por direitos na esfera pública.

3. TEOLOGIA DA ICM E OS MOVIMENTOS DE LUTA POR DIREITOS

Esse discurso trabalha com estratégias que surgiram em um momento de contestação do discurso religioso tradicional devido ao contexto de luta por direitos nos Estados Unidos da América, dando origem ao que Musskopf chama de Teologia Homossexual, essas estratégias são as da restauração, omissão e acabamento.

Na estratégia de “restauração” a ênfase está em mostrar que os textos utilizados na discussão de relações entre pessoas do mesmo sexo não são aplicáveis ao debate contemporâneo da homossexualidade e, por isso, precisam estar subordinados a outros textos dentro da própria Bíblia. A estratégia de “omissão” é um desenvolvimento da anterior, confirmando que o material bíblico não contém nada diretamente pertinente aos debates contemporâneos sobre (algumas) relações entre pessoas do mesmo sexo, mas acrescenta que tais textos se referem a atos específicos ao invés de toda gama de relações homoeróticas. A última estratégia proposta pelo autor é a de “acabamento”, onde se assume que há material bíblico que condena relações entre pessoas do mesmo sexo, e se contrapõe estes textos com outros materiais e conclusões de leitores/as contemporâneos/as. (MUSSKOPF, 2008, p. 127)

Essas estratégias que se iniciaram nos anos 70 ajudaram a moldar o discurso teológico da denominação. Isso pois os pressupostos que apoiaram essa vertente teológica ainda se encontram presentes, como a identidade homossexual vista como ponto de contato com o divino



(manifestação da divindade), a existência de uma identidade homossexual, a sexualidade como algo essencial à personalidade e a releitura hermenêutica a partir da ótica homossexual.

A esse exemplo, existe dentro da ICM-SP a visão de que a Bíblia é um livro escrito por homens de seu tempo e que, portanto, apresenta machismos, homofobias e que, assim, muitas vezes passagens não são aplicáveis diretamente ao debate contemporâneo por não tratarem exatamente dos mesmos tipos de relações existentes hoje quando se fala da homossexualidade, de modo que existem outras interpretações possíveis desses textos bíblicos que condenam a homossexualidade a partir de textos contemporâneos.

Essa teologia se desenvolve historicamente nos anos 80 e 90, no pós-Stonewall Riots de 1969, e após a fundação da primeira ICM em 1968, para uma outra forma de teologia que existe paralelamente a ela: a teologia gay, colocando ênfase na opressão sofrida por pessoas LGBTQIA+ e na luta por sua libertação. Isso também é evidente no discurso de luta contra a opressão desenvolvido na ICM-SP. E está relacionada com a teologia gay, por ser uma teologia ofensiva

Desta forma, a interpretação bíblica no âmbito da teologia gay reflete a busca pela visibilização de uma história ocultada e silenciada e a sua importância para a constituição de uma experiência coletiva, superando uma postura defensiva ou apologética. A mudança de perspectiva de uma teologia apologética e assimilacionista, para uma liberacionista, ou de uma teologia defensiva para uma ofensiva e profética, pode ser definida através do paradigma do êxodo, usado como metáfora por grande parte destes teólogos. Da experiência de opressão e seu processo de luta por libertação é que brotam os temas teológicos e sua construção particular. Em teólogos como J. Michael Clark, Gary David Comstock e Richard Cleaver, tem-se uma releitura de doutrinas cristãs, enfocando seus aspectos bíblicos e históricos (tradição). Temas como criação, imagem de Deus, Jesus Cristo, ética, salvação, são relidos e ressignificados desde a experiência gay. (MUSSKOPF, 2008, p. 139)

Isso significa que ambas as teologias – a homossexual e a gay – servem de base para o discurso teológico da ICM. E servem como um ponto em comum entre um pensamento religioso e a militância LGBTQIA+ por direitos civis. Nesse sentido, a ICM-SP possui uma teologia explicitamente militante, sendo essa militância incentivada, apesar de não possuir um conteúdo específico, quer dizer, existe o incentivo à luta, mas a forma como essa luta deve ocorrer fica em aberto.



Nesse sentido, existe crítica da denominação com relação a discursos religiosos tradicionais que se utilizam da mensagem bíblica para oprimir mulheres, homossexuais, transgêneros e transexuais e quaisquer outros grupos minoritários. Crítica essa ligada historicamente ao movimento LGBTQIA+ mais amplo, de modo que as lutas seculares pelos direitos humanos e o discurso e postura da denominação se entrelaçam.

Assim sendo, os membros são chamados a se posicionar e agir contra qualquer forma de desigualdade, seja nos “sopões” feitos pela denominação para distribuir às pessoas em situação de rua. Seja na participação da denominação em evento para promoção do Estado laico colocando todas as religiões em igualdade perante o Estado. Seja pela valorização durante o culto de outras formas de manifestação religiosa.

Dentro disso, fica evidente que existe um foco na denominação pela igualdade de pessoas LGBTQIA+; que são vistas à margem dos padrões de heteronormatividade da sociedade, entendida não somente como a orientação heterossexual compulsória, mas todas as questões de identidade de gênero e papéis de gênero a ela atreladas. Mas é necessário entender que a busca por igualdade é radical, no sentido de buscar combater as mais diversas formas de violação dos direitos fundamentais de cada indivíduo, os incluindo socialmente.

Na busca pela revisão dessas categorias de identidades vividas no cotidiano e não resolvidas pela teologia gay, surge uma forma de teologia que segue o movimento da sociedade civil que leva à teoria queer. Essa teologia, chamada de teologia queer, questiona os padrões baseados nas identidades gay e lésbica, os relacionando com outras categorias como as étnicas, de classe, de identidade de gênero.

Seguindo a linha de Foucault, estudos históricos mostram que categorias são construídas e atribuídas de acordo com questões de poder e trazem à tona questões de gênero e sexualidade onde antes não se pensava nestes temas provando que “a vida pessoal é sexualizada – e heterossexualizada”. A área da sexualidade, suas categorias e construções, é a lente que teóricos queer usam para desenvolver seus trabalhos. É uma tentativa de “encontrar novas formas de pensar sobre amores e identidades dissidentes de lésbicas, gays, e outros numa ecologia social complexa onde a presença de diferentes gêneros, diferentes identidades e identificações são tomadas como dadas. Mesmo assim, a utilização do termo/categoria “queer” pelo Movimento Gay nos Estados Unidos não é tão pacífica e a discussão em torno desta temática reflete a agitação, desestabilização,



que se processa na atual conjuntura acerca das identidades sexuais. Esta agitação se expressa, por exemplo, nas idas e vindas de letras nas siglas utilizadas para identificar os grupos de militância e política. Siglas mais comuns como LGBT (Lesbian, Gay, Bisexual, Transgendered) vão incorporando outras letras a partir das reivindicações por reconhecimento e visibilidade de grupos no interior do movimento: Q (Queer, ou Questioning), I (Intersexual), T (Transexual), L (Leather)". (MUSSKOPF, 2008, p. 146).

Essa teologia ganha forma e força para desafiar as teologias homofóbicas e a sociedade no seu sentido mais amplo nas comunidades denominacionais, mais conhecidas como igrejas gays. Nesse sentido, Musskopf apresenta a denominação como uma referência. Ou, mais especificamente, uma radicalização da teologia queer, pois desafia a própria ideia de enclausuramento denominacional, propondo uma vivência da espiritualidade que foge da ideia de igreja denominacional ortodoxa, adentrando no que Musskopf chama de "instituições pós-denominacionais" (2008, p. 149).

Essa dimensão relaciona-se com o observado na ICM-SP, uma vez que a denominação não se restringe a uma visão tradicional cristã dos rituais e dogmas. Não oferece uma visão negativa sobre outras vivências religiosas, mas as incorpora às vivências religiosas válidas. De modo que, para a ICM-SP, as diferentes visões religiosas são manifestações do mesmo Deus, ainda que com outros nomes, celebrado de maneiras diferentes, mas não sendo erradas ou pecados, mas sim uma manifestação dessa diversidade.

Igualmente, não é possível encontrar regras bem definidas diferenciando o sagrado do profano. Mesmo a opressão, vista sempre como pecado, é uma regra formal, não possuindo conteúdo específico, sendo necessária a avaliação de cada situação particular para defini-la como opressiva ou não, como boa ou ruim. E mesmo essa definição pode variar de acordo com os envolvidos.

Essa teologia queer busca, também, uma nova hermenêutica bíblica. Que veja a Bíblia como uma amiga da comunidade LGBTQIA+ e que traga respostas a cada momento por que passa a comunidade, a partir de um lugar social específico. De modo a possibilitar uma hermenêutica que abra caminho para uma variedade de interpretações possíveis dados os diferentes locais sociais, todos eles possíveis e válidos.



Uma das consequências, e dos desafios, é justamente incorporar neste discurso teológico as vozes, as práticas e construções identitárias sexuais e suas interconexões que emergem desde o Movimento GLBT e são visibilizadas pela Teoria Queer. Segundo R. Goss: Com o rompimento do silêncio por vozes bissexuais e transgênero, as teologias queer vão desenvolver uma nova sofisticação do discurso teológico com novas particularidades sexuais, novas compreensões de gêneros, e matizes de diferenças. Elas vão desencarnar resíduos de bifobia e transfobia, forçando teólogos/as queer anteriores, incluindo eu mesmo, a articular definições expandidas de sexualidades e gêneros. O resultado desta expansão é a produção de uma variedade de reflexões teológicas que, embora não necessariamente se autodefinam como “queer”, compõem esta polifonia de vozes teológicas. [...] Teologias queer são construídas a partir da análise crítica do contexto social que forma nossas experiências sexuais e de gênero e a rede de opressões interligadas e de nossas práticas inovadoras e transgressoras. Teologia queer é um projeto orgânico ou fundado na comunidade que inclui nossas diversas contextualidades sexuais, nossas experiências sociais particulares de opressão homo/bi/transfóbica e suas conexões com outras formas de opressão, e nossas autoafirmações de diferenças sexuais/de gênero, e irá impactar o futuro desenvolvimento das teologias da libertação. (MUSSKOPF, 2008, p. 154, 156)

Essa maneira de articular discursos, vozes, práticas e construções identitárias sexuais possibilita uma teologia que mantém uma revisão de suas posições, sempre pronta a questionar os mecanismos de opressão e expandir os grupos a quem deve ser dado o critério de igualdade.

A teologia queer, derivada do movimento de contestação e desconstrução motivados pela teoria queer, essa última informada pelos movimentos multiculturalistas, fica evidente na denominação. Isso pois a ICM-SP entende a comunidade como manifestação de Deus, sendo que a integração entre as pessoas revela as ações divinas entre os membros. De modo que a própria diversidade das pessoas representa a diversidade de Deus e, por isso, pode ser celebrada como um atributo divino manifesto.

4. CONCLUSÃO

A Comunidade da Igreja Metropolitana é uma instituição religiosa que tem base de seu discurso a valorização dos indivíduos e sua diversidade. Essa diversidade, segundo a denominação, deve ser celebrada como uma benção, e não desencorajada, de modo que as diferentes identidades, como a orientação sexual, a identidade de gênero, a vertente religiosa etc. possam ser vividas.



Justamente por entender que a diversidade é um atributo divino, a denominação compreende que todas as identidades são válidas, todas tem direito de existir. De modo que na base de seu discurso estão os direitos humanos; pois uma vez que todas as manifestações de vivência humana são valorizadas como manifestações do divino, então todos os seres humanos são igualmente dignos. Contudo, ainda existe nesse discurso o outro. É importante entender que não se trata de se diminuir as diferenças a ponto de equalizar as manifestações de vida, mas sim de celebrar a diferença a partir da igualdade de todos os seres humanos.

Isso não significa dizer que todos os discursos são válidos. Justamente por entender a igualdade e a dignidade de todos os seres humanos, a denominação entende como erradas e pecaminosas todas as manifestações de vida que incidam contra a igualdade. Todas os discursos e ações que oprimam outro ser humano, ou seja, que o coloquem em posição de desigualdade.

Ainda fica claro que os movimentos ocorridos no meio LGBTQIA+, desde os anos 70, informaram a construção teológica da denominação, a imbuindo da mesma luta por igualdade de direitos que buscavam os movimentos civis, baseados nos direitos humanos.

Entretanto a relação não acontece somente do movimento para a igreja, mas a própria forma de pensar sobre o mundo reflete nas ações que a denominação desenvolve na esfera pública, ou seja, não somente o movimento LGBTQIA+ informa o pensamento existente dentro da ICM, mas o pensamento da ICM reflete em suas práticas, o que reflete novamente no movimento LGBTQIA+ através das ações públicas dos membros da ICM.

REFERÊNCIAS

DURKHEIM, Émile. As formas elementares da vida religiosa, o sistema totêmico na Austrália. São Paulo, Paulus, 2008

HABERMAS, Jurgen. The theory of communicative action. Vol 1. Reason and the rationalization of society. Boston: Beacon Press, 1984.

HABERMAS, Jurgen. A inclusão do outro: Estudos de teoria política. São Paulo: Loyola, 2002.



HONNETH, Axel. Luta por Reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Ed. 34, 2003.

HONNETH, Axel. O Direito da Liberdade. Martins Fontes: São Paulo, Edição: 1ª, 2015.

HONNETH, Axel; RENAULT, Emmanuel. Filosofia social e teoria social. Sociologia [online], vol. 9, n. 9 1. 2018. (Acesso em 1 de junho de 2018. Disponível: <http://journals.openedition.org/sociologie/3410>)

JESUS, Fátima Weiss. A cruz e o arco-íris: refletindo sobre gênero e sexualidade a partir de uma “igreja inclusiva” no Brasil In: Ciências Sociales y Religión/Ciências Sociais e Religião, Porto Alegre, ano 12, n. 12, p. 131-146, outubro, 2010.

JESUS, Jaqueline G. de. 2012. Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos. Goiânia: Ser-Tão.

MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social: reflexões sobre o casamento gay. Cadernos Pagu. Vol. 28, janeiro-junho, p. 101-128, 2007.

MUSSKOPF, André. Sidnei. Via(da)gens teológicas: itinerários para uma teologia queer no Brasil / André Sidnei Musskopf; orientador Rudolf von Sinner. – São Leopoldo: EST/PPG, 2008.

NATIVIDADE, Marcelo; OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos ameaçadores in: Sexualidades, Salud y Sociedad - Revista Latino-americana. n.2, p.121-161, 2009.

NATIVIDADE, Marcelo. Uma homossexualidade santificada? Etnografia de uma comunidade inclusiva pentecostal In: Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 30(2): p.90-121, 2010.

POKER, José. Geraldo. Alberto. Bertoncini. Os conceitos de inclusão e reconhecimento na teoria de Habermas. In: Clelia aparecida Martins; José Geraldo A. B. Poker. (org.). Reconhecimento, direito e discursividade em Habermas. 1ed. São Paulo: FAP-UNIFESP, v. 1, p. 337-365, 2014.

SIMAKAWA, Viviane V. 2015. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise auto etnográfica da cisgeneridade como normatividade. Dissertação em Cultura e Sociedade, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, BA, Brasil.

SOARES, Evanway Sellberg. Religião e transformação de valor na sexualidade: ICM—uma igreja militante. Marília: UNESP, 2019 (Dissertação).



SOARES, Evanway Sellberg. The Critical Theory Perspectives for Contemporary Analysis. Philosophy International Journal: Medwin Publishers. Vol. 3. N. 1, 2020.



SOBRE A AUTORIA

Evanway Sellberg SOARES

Doutorando pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (UNESP). Possui graduação em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2013), mestrado em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho (2019), especialização em Gestão Escolar pela FACESPI e MBA em Investimentos e Private Banking pelo Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais. Foi pesquisador da Empresa Jr. de Ciências Sociais FATO, Bolsista de Iniciação Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, fez parte do grupo de estudos em Teoria Crítica coordenado pelo Prof. Dr. Sinésio Ferraz Bueno (UNESP), e do Grupo de Pesquisa em Segurança e Políticas Públicas coordenado pelo Prof. Dr. Luis Antonio Francisco de Souza (UNESP). Atualmente é professor no Colégio Objetivo. Foi professor coordenador da Faculdade Campos Giglio e no Colégio Cruz Azul. Tem experiência na área de Sociologia, com ênfase em Sociologia da Religião, Teoria Crítica e Laicidade, atuando principalmente nos seguintes temas: religião e Estado, religião e espaço público, minorias religiosas, religião e sexualidade, religião e modernidade, Teoria do Reconhecimento Social e Direitos Humanos.

*Submissão: 01 de setembro de 2021
Avaliações concluídas: 07 de junho de 2022
Aprovação: 20 de junho de 2022*

COMO CITAR ESTE ARTIGO?

SOARES, Evanway Sellberg. Análise da teologia dos Direitos Humanos da Igreja da Comunidade Metropolitana de São Paulo. Revista Temporis [Ação] (Periódico acadêmico de História, Letras e Educação da Universidade Estadual de Goiás). Cidade de Goiás; Anápolis. V. 22, N. 02, p. 18, jul./dez., 2022. Disponível em: <<http://www.revista.ueg.br/index.php/temporisacao/issue/archive>>
Acesso em: < inserir aqui a data em que você acessou o artigo >